

NO PINTCHA

* ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFS.: 3713/3726/3728

BISSAU

Eduardo Mondlane morreu há nove anos

Completaram-se ontem nove anos desde o dia em que os agentes do colonialismo português e do imperialismo internacional desferiram um golpe duro aos povos africanos em luta. Com efeito, a 3 de Fevereiro de 1969, em Dar-Es-Salam, capital da Tanzânia, Eduardo Mondlane era cobardemente assassinado pelos agentes da Pide. A morte do primeiro Presidente da FRELIMO não visava somente travar a luta do povo moçambicano, mas a de todos os povos das colónias portuguesas, que, perante a posição do regime de Salazar, em não conceder a autodeterminação às colónias tinham como única alternativa a luta armada.

Em todas as colónias, intensificaram-se os preparativos para o desencadear simultâneo da luta libertadora. O objectivo era dividir a força do inimigo e desferir-lhe golpes cada vez mais duros, até à sua expulsão do solo pátrio. O I Congresso viria a dotar a F.R.E.L.I.M.O. das estruturas necessárias ao desenvolvimento da luta, ao mesmo tempo que possibilitaria a consolidação e mobilização das forças em luta. Durante o ano de 1967, a área de combate alargou-se a todas as regiões. Portugal, embora apoiado pelas potências aliadas, via os dias do seu mandato contados.

Medidas concretas e animadoras saíram do II Congresso, em 68, permitindo intensificar mais a luta pela libertação.

Com a proclamação da independência do país, em 1975, em consequência da assinatura dos acordos de Lusaka entre o Governo português e a FRELIMO, o povo de Moçambique enveredou por uma nova via de luta: a da reconstrução nacional, não sem ter que enfrentar as constantes agressões da vizinha república racista da Rodésia.

O ano de 77 foi marcado por um grande acontecimento histórico na vida da FRELIMO: a realização do seu III Congresso, onde foi proclamado Partido de Vanguarda Marxista-Leninista. Foi também o ano da criação da Assembleia Popular e das Assembleias do Povo a todos os níveis, órgãos supremos do Estado da Democracia Popular. Por outro lado, foram lançadas as bases do sistema e dos métodos da planificação da economia moçambicana.

Nas páginas centrais evocamos a figura de Eduardo Mondlane e as principais etapas da luta do povo moçambicano.

SUBIDA DO PREÇO DO GASÓLEO ORIGINA AUMENTO DE TARIFAS DE ELECTRICIDADE E ÁGUA

Segundo um comunicado do Comissariado de Energia, Indústria e Recursos Naturais, foram aumentadas as tarifas de energia e água e ainda tomadas medidas respeitantes aos consumidores que têm os contadores montados dentro das residências.

O aumento das tarifas de energia e água, deve-se de facto de o preço de gásóleo ter subido, desde 15 de Agosto do ano findo.

Entretanto, para melhor explicar ao público este problema, o «Nó Pintcha», contactou o camarada Barreto, responsável administrativo da companhia,

que começou por dizer: «A subida das tarifas de energia e água foi derivada da subida do preço do gásóleo. Antigamente, um litro deste combustível custava dois pesos. Mas, a partir de 14 de Agosto do ano findo, passou para quatro pesos. As despesas da companhia sofreram um aumento de oitocentos contos».

No que diz respeito à Baixa Tensão, o camarada Barreto explicou a mudança: «Havia três tipos de escalões que eram pagos de seguinte maneira — os primeiros 30kw custavam quatro pesos, os segundos 30kw custavam

três pesos e os restantes 30kw eram pagos a dois pesos. Mas, depois da subida do preço de gásóleo, dois destes escalões, deixaram de existir, passando a haver apenas um o que era pago à três pesos».

Quanto a Alta Tensão, o responsável administrativo da CEABIS, disse ter havido um só escalão, escalão esse que ainda se mantém. A quantia de um peso e setenta centavos que se pagava por esse escalão, subiu para dois pesos.

No que respeita ao consumo mínimo, temos a salientar que o preço estabelecido é de cem pesos.

Mas só se torna obrigatório pagar essa quantia, quando o funcionário daquela companhia vai a casa do consumidor cujo contador se encontra montado dentro de um dos compartimentos e encontra a residência fechada, impedindo portanto, que se faça a leitura da quantidade de água como de energia registada pelo contador para efeitos de pagamento. O funcionário deve em princípio deixar na residência um aviso, com a data e hora da próxima visita, para fazer a leitura. Se voltar pela segunda vez e encontrar de novo a residência fechada,

o consumidor será obrigado, independentemente das contas registadas pelo contador a pagar essa quantia, ou melhor os cem pesos.

Portanto, para além de estarem excluídos do pagamento dessa quantia os consumidores, cujos contadores estão montados fora das suas residências, estará também isento desse pagamento, todo aquele que respeitar o aviso para a leitura do contador que o funcionário da CEABIS deixar na respectiva residência. Aliás, tomou-se esta medida a fim de evita

(Continua na página 8)

A RDA fez um donativo a Guiné-Bissau no valor de 23 milhões e meio de pesos

«Pensamos que o melhor agradecimento que podemos fazer à RDA, ao seu Partido e ao povo, foi o sabermos utilizar as suas ajudas durante a luta e libertarmos totalmente a nossa terra» — afirmou o camarada José Araújo, membro do Comité Executivo de Luta e Secretário da Organização do Partido, durante a cerimónia de entrega de donativos da República Democrática Alemã ao nosso país, na tarde de quinta-feira passada, no Porto de Bissau.

Trata-se de um donativo do Comité de Solidariedade da RDA, calculado no valor total de 23 milhões e meio de pesos e que compreende mil toneladas de cimento, dois pequesos autocarros e uma camioneta, do tipo «Barkas», 10 misturadores para argamassa e dois pianos. A oferta inclui ainda 30 mil metros quadrados de cobertura para o sobrado, 10 gravadores, medicamentos e instrumentos médicos,

fornagem para a agricultura e artigos desportivos.

A cerimónia de entrega foi feita dentro do barco portador dos donativos, tendo o seu comandante oferecido um brinde aos presentes. O Embaixador da RDA, camarada Kurt Roth, acompanhado do seu secretário fez a entrega na presença dos camaradas José Araújo, Otto Scharth, Agostinho Almada (Gazela), Rui Barreto e Domingos da Silva. O Embaixador alemão fez uma curta intervenção, precisando nomeadamente que essa ajuda do povo da RDA ao nosso povo representa mais um passo no reforço das nossas relações, já bastante antigas, e que vêm desde o início da nossa luta armada de libertação.

O Secretário da Organização do Partido, camarada José Araújo, agradeceu, em seguida, «à pequena recepção» concedida pelo comandante do navio e, enaltecendo à grande ajuda que a República Demo-

crática Alemã acabava de nos dar, sublinhou:

«Estamos reconhecidos por essa ajuda, muito embora não repitamos suficientemente os nossos agradecimentos, porque pensamos que os melhores agradecimentos que podemos fazer à RDA, ao seu Partido e ao seu povo, foram a maneira como soubemos utilizar as ajudas que nos deram durante a luta e libertarmos totalmente a nossa terra».

Nesta ordem de ideias, José Araújo referiu-se a essas ajudas que «jamais esqueceremos», que eram as armas para os nossos combatentes, os vestuários, os medicamentos e material médico oferecidos pela RDA ao nosso povo e, por outro lado os tratamentos de que dezenas de camarada mutilado de guerra beneficiaram durante a luta armada.

«Parece-me que a melhor solidariedade que re-

(Continua na página 8)

Angola Há 17 anos o povo levantou-se em armas



Em Janeiro de 1961, o Povo da Baixa do Kasanje, cruelmente explorado pelos lacaios ao serviço da companhia belga COTONANG, entra em greve para o aumento do preço do algodão. Os colonialistas enviam os seus aviões, que lançam bombas de napalm sobre a região, destruindo mais de 17 aldeias e massacrando mais de 20 mil trabalhadores.

Esta nova violência colonialista exige uma resposta imediata.

Surge assim o glorioso dia 4 de Fevereiro de 1961. Ele marca o dia do poderoso levantamento popular contra a opressão e a ditadura dos exploradores.

(Continua na página 8)

A luta é a acção directa

CAMARADA DIRECTOR

Mais uma vez venho ocupar esta coluna dos leitores para abordar um tema que acho ter grande interesse agora.

A nossa luta de libertação nacional foi sem dúvida uma prova da acção vigorosa desencadeada pelos nossos intrépidos combatentes da liberdade, contra o colonizador estrangeiro. A vontade veemente do nosso povo de viver em pé de igualdade com outros povos no mundo, retomou o seu verdadeiro significado durante os momentos difíceis da guerra. A agricultura foi um aspecto saliente na sua contribuição, constituindo uma parte da então economia alimentar.

Os longos anos de luta foram-se passando, acompanhados da construção duma sociedade nova baseada na realidade sócio-económico da nossa terra. Os tribunais populares, nas antigas zonas libertadas, assinalavam a participação popular na criação duma nova justiça, com base nos seus próprios usos e costumes.

Nete momento, etamos a quatro anos da independência Total do nosso país. Toda a nossa acção deve ser concentrada na criação duma economia nacional independente, o que exige de nós uma dedicação sem limites às tarefas nacionais, tendentes a criar uma infra-estrutura, condição indispensável para a promoção dum homem novo.

Muitos camaradas não compreenderam ainda que a luta é acção directa do nosso quotidiano. A incapacidade, por parte de muitos, em conhecer objectivamente as nossas dificuldades e limitações, ou seja, dentro do contexto económico que enfrentamos, discriminar o essencial e deixar de interpretar passivamente os fenómenos resultantes da dominação colonial, reflecte-se nas más acções diárias.

Devemos acima de tudo procurar, dentro das nossas potencialidades, encontrar vias que nos permitam sair da situação herdada do colonialismo e deixar de atribuir as dificuldades actuais somente à dominação colonial.

Só assim, camaradas, poderemos banir todos esses preconceitos e assumir as nossas responsabilidades, nesta nova etapa de luta para ultrapassar as nefastas heranças do colonialismo, porque a história é um processo em andamento e nunca deve ser vista do ponto de vista estático.

(BAKOLÉ)

Bissorã Formação da JAAC e Comitês de Trabalho pagamento de impostos e saídas de produtos

Reuniram-se, anteontem quinta-feira, no sector de Bissorã, todos os responsáveis do Partido e de Estado, a nível de sector, com a população local, para a discussão dos problemas relacionados com o pagamento do imposto de Reconstrução Nacional, casamento obrigatório e as suas consequências e controle rigoroso sobre as saídas clandestinas de produtos nacionais para o exterior.

A reunião, que também tratou de assuntos ligados à educação das crianças, a intensificação da

trabalho político nas tabancas e a estabilização dos preços de produtos de primeira necessidade, foi dirigida pelo camarada Paulo Na Danga com selheiro regional para o referido sector.

Anteriormente, no dia 1 de Fevereiro, terça-feira, o presidente do Comité de Estado do Sector de Bissorã camarada Caba Fat, presidiu a uma reunião para a discussão e formação de comitês do Partido nos locais de trabalho e aprovação de um documento político para a formação da JAAC no referido sector.

Destacada a vida de Amílcar Cabral na revista cubana "Bóhemia".

Por ocasião do quinto aniversário do ignóbil assassinato do nosso imortal líder camarada Amílcar Cabral e dia dos Heróis Nacionais, a revista «Bohemia», publicada em Cuba, inseriu nas suas páginas na edição de 20 de Janeiro e com grande destaque, um artigo intitulado «Amílcar Cabral obreiro da liberdade».

Este artigo fala da história da proclamação da independência da República da Guiné-Bissau em Bôé Oriental, debaixo das bombas dos colonialistas portugueses. Conta toda a vida do fundador da nossa nacionalidade classificando-o de «um dos dirigentes mais claros e brilhantes de África e, as ideias pelas quais entregou a própria vida se consolidam nos territórios, já livres do colonialismo, da Guiné e Cabo Verde».

A certa altura narra permenorizadamente o trágico acontecimento de Conakry em Janeiro de 1973 que culminou com o assassinato de Amílcar Cabral e a prisão dos mais altos dirigentes do PAIGC, por um grupo de traidores ao serviço do imperialismo, e fala do importante discurso pronunciado pelo Presidente Amhed Sekou Touré denunciando a monstruosa natureza do acontecido e as suas obscuras motivações.

Para finalizar o artigo salienta a solidariedade do Governo Revolucionário de Cuba.

Comité dos trabalhadores do hospital "Simão Mendes" organizou círculos de cultura nos hospitais

Encontram-se já em funcionamento, no Hospital Simão Mendes, no 3 de Agosto e nos Serviços de Higiene, círculos de cultura, com cerca de 70 alfabetizando, promovidos pelo comité dos trabalhadores do Hospital Simão Mendes, no âmbito das actividades daquela organização — salienta-se no relatório geral daquele organismo de base da U.N.T.G., enviado ao nosso jornal.

Este documento que se refere às actividades do

comité, desde a sua existência não oficializada até a sua confirmação pela U.N.T.G., sublinha a participação do mesmo, tanto nas jornadas políticas, como na criação de estímulos para a superação das dificuldades quotidianas das massas trabalhadoras do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais, nas suas tarefas.

Após a sua oficialização, o comité dos trabalhadores do Hospital Simão Mendes tem-se lançado na criação de jornais

murais, que surgem com palavras de ordem do Partido, e onde, muitas vezes, se evoca a memória dos nossos heróis e mártires da luta. Durante a quadra do III Congresso, surgiu o referido jornal a saudar este acontecimento.

Segundo o relatório, este comité, durante a quadra festiva do natal e novo ano, projectou um filme para os doentes internados no Hospital Simão Mendes, na secção de pediatria.

A pedido da UNTG, impulsionou a formação de comitês de trabalhadores no hospital 3 de Agosto e nos Serviços de Higiene e Combate às Grandes Endemias. Deliberadamente dentro do programa do central sindical guineense formou subcomitês (comité colaborador) em todas as secções do Hospital Simão Mendes, «para o melhor controlo e incentivar o aumento da produção e produtividade no serviço e para que cada trabalhador se sinta responsável pelo cargo que ocupa».

Responde o povo

Já leu o último "O Militante"?

O Secretariado para a Organização do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde — PAIGC lançou, na última segunda-feira, dia 30 de Janeiro, o número cinco de «O Militante». Esta publicação começou a ser editado no mês de Julho de 1977, vindo assim preencher a brecha deixada, desde o 25 de Abril, pela suspensão da publicação do jornal «Libertação» e do «PAIGC-Actualité».

«O Militante» vem saindo regularmente, apesar de algumas dificuldades, próprias da luta em que estamos empenhados. Já é tradicional o PAIGC vencer as canseiras, já o mostrou na luta armada de libertação nacional. E está de novo a mostrá-lo agora na luta de reconstrução nacional.

O último número saiu ligeiramente atrasado. Pensámos que era oportuno perguntar a alguns camaradas leitores, se já leram o número 5, e o acham que dele, da sua apresentação, dos seus artigos: em suma uma crítica construtiva, que é, uma maneira de participar no seu melhoramento. Eis as respostas como se seguem:

GRAVURAS
FAZEM FALTA

Carlos Pinto Vieira,
funcionário público — «Já

li em parte o último n.º de «O Militante». Acho-o muito bom. Até posso dizer que é melhor do que os anteriores. Penso que os artigos estão a nível de um leitor médio. Aliás, o Secretariado do Partido tem em conta que a maioria da massa militante, a quem é dirigido, são leitores médios e considero isso um facto positivo. Quereria aproveitar esta oportunidade para deixar registada aqui as sugestões: que tal uma rubrica dos leitores? E se introduzissem gravuras na revista? Porque num país como o nosso, onde o índice de analfabetismo é grande, as

gravuras têm um papel preponderante».

ARTIGOS ESTÃO
A NÍVEL DE UM
LEITOR MÉDIO

M'Bemba Seidy, funcionário público, — «Já li «O Militante» número cinco todo. As suas páginas tem grandes espaços em branco. Se e'fossem aproveitados, podia-se diminuir o número das páginas e poupar com isso o papel. Penso que «O Militante» devia ter gravuras, porque sabemos que temos muitos analfabetos, que com as gravuras ficariam a saber algumas coisas lá contidas. Também podia se inserir nas suas colunas uma secção

dos leitores, uma espécie de diálogo com os leitores, porque isso dá oportunidade desses participarem na feita do seu boletim. O conteúdo dos artigos são normais para um leitor médio».

PARTICIPAÇÃO
DE TODOS
OS MILITANTES

N'DAFA ZUMBI,
26 anos, poeta — «Naturalmente que já li o número 5 de «O Militante». Devo dizer que tenho lido esta revista desde o número um. Se compararmos o número 5, dos números anteriores, facilmente concluímos que se registou uma melhoria prin-

cipalmente no conteúdo, que sendo de leitura fácil, abarca uma série de elementos necessários a um indivíduo pré-disposto a participar conscientemente no processo revolucionário.

É evidente que há muito mais a fazer mas só é possível a partir do momento que haja uma participação massiva dos militantes do Partido. Acrescento também que «O Militante» deve virar mais, mas profundamente, na divulgação dos problemas do Partido ou seja da vida do PAIGC. Quanto ao aspecto gráfico afirmo que é das melhores revistas que me passam pelas mãos».

Cooperação Cabo Verde-Angola Comissão mista de transportes marítimos reuniu em S. Vicente

O camarada Her- sado. A tarefa desta co- missão, afirmou o ministro caboverdeano, é pôr na prática o referido acordo, no que se refere ao estabelecimento de linhas de navegação entre os dois países e outras de interesse para ambas as partes». A comissão estudou ainda a tabela de fretes entre os dois países e estabeleceu princípios para a assistência técnica adequada.

A delegação angolana manifestou o desejo de contratar oficiais caboverdeanos, interessados em trabalhar na Marinha Mercante de Angola e de fretar barcos caboverdeanos para a cabotagem angolana. No que diz respeito ao fretamento de barcos, ficou estabelecido que o navio motor «Independência» passará algum tempo ao serviço da Marinha angolana.

A fim de se inteirar da situação sanitária e do estado de equipamento de edifícios das estruturas da Saúde na ilha do Fogo, deslocou-se àquela localidade o ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Ministro da Saúde durante a sua estadia de três dias na ilha, o Ministro da Saúde deve uma reunião de trabalho com os responsáveis do departamento sanitário local.

Ministro de Saude visitou Fogo

A fim de se inteirar da situação sanitária e do estado de equipamento de edifícios das estruturas da Saúde na ilha do Fogo, deslocou-se àquela localidade o ministro da Saúde e Assuntos Sociais, camarada Ministro da Saúde durante a sua estadia de três dias na ilha, o Ministro da Saúde deve uma reunião de trabalho com os responsáveis do departamento sanitário local.



AMILCAR CABRAL

A arma da teoria

Na sua crítica genial, Lênine esclareceu o carácter essencialmente económico do imperialismo, estudou as suas características internas e externas e as suas implicações económicas, políticas e sociais, tanto dentro como fora do mundo capitalista. Pôs em relevo as forças e as fraquezas dessa nova realidade que é o imperialismo (quase da sua idade), que abriu novas perspectivas à evolução da humanidade.

Situado geograficamente o fenómeno imperialista no interior duma parte bem definida do mundo; distinguindo o factor económico das suas implicações políticas ou político-sociais, sem esquecer as relações de dependência dinâmica entre esses dois aspectos de um mesmo fenómeno; e caracterizando as relações do imperialismo como o resto do mundo, Lênine situou objectivamente tanto o imperialismo como a luta libertação nacional nas suas verdadeiras coordenadas históricas. Estabeleceu assim, de forma definitiva, a diferença e as ligações fundamentais entre o imperialismo e o domínio imperialista.

A análise de Lênine revela-se desta forma como um encorajamento realista e uma arma poderosa para o desenvolvimento ulterior e multilateral do movimento nacional libertador. É necessário, no entanto, notar que esta análise vai ainda mais longe na contribuição que fornece à evolução desse mesmo movimento.

Com efeito, se podemos dizer que Marx, principalmente na sua obra principal — O Capital — procedeu à anatomia ou à anatomia patológica do capitalismo, a obra de Lênine referente ao imperialismo pode ser considerada como a pré-autópsia do capitalismo moribundo. Não é exageração afirmar que, para ele, a partir do momento em que o domínio económico e político do capital financeiro (dos monopólios) se consolidou em alguns países e se concretizou no exterior desses países pelo movimento de partilha do mundo, especialmente em África, com o monopólio das colónias — o capitalismo, tal como se defenira anteriormente, transformou-se num corpo em putrefacção.

Um estudo, mesmo superficial, da história económica contemporânea dos principais países capitalistas (talvez mesmo dos menos importantes), revela que a luta tenaz entre o capital financeiro (representado pelos monopólios e os bancos) e o capital de livre concorrência se salda geralmente pela vitória do primeiro, isto é, do imperialismo.

Temos pois de verificar que Lênine tinha razão: o capitalismo criou o imperialismo e criou simultaneamente os elementos propícios à sua destruição. O imperialismo matou e continua a matar o capitalismo. Com efeito, as transformações profundas realizadas nas relações de forças de forças no âmbito da livre concorrência levaram aos monopólios, à acumulação gigantesca do capital financeiro privado no interior de certos países e, como consequência disso, ao domínio político destes pelos monopólios, o que os transformou em países imperialistas.

(Continua no próximo n.º)

Monte Genebra

Produção de legumes atingiu 28 mil quilos

A produção de legumes em Monte Genebra, complexo agrícola de regadio em projecção na ilha do Fogo, rendeu de Janeiro a Outubro do ano passado mais de 28 mil quilos, num total de cerca de 350 contos.

Tal resultado, numa ilha que nunca foi devotada à cultura de irrigação, mostra-se excelente e ilustra o facto da população melhorar considera-

velmente a sua dieta alimentar com a introdução regular de legumes no seu consumo diário.

Mais de 26 espécies de produtos hortícolas são fornecidas à população do Fogo, como fruto dos trabalhos do novo complexo agrícola. Os principais géneros consumidos foram, por ordem decrescente, o tomate, o repolho e a couve.

O país

Comissão Nacional de Sangue discute a necessidade de dádivas com os responsáveis dos bairros de Bissau

A Comissão Nacional de Sangue reuniu-se anteontem, pela primeira vez, ao fim da tarde, na Associação Comercial, com todos os responsáveis e colaboradores dos comités de bairros da cidade de Bissau, para uma oficialização da criação desse organismo e seus objectivos imediatos.

A ordem de trabalhos da reunião compreendia três pontos, relacionados com os esclarecimentos sobre a Comissão de Sangue, o apoio necessário e incondicional que os comités de Partido e as organizações de massas devem dar para consecução da população para a doação de sangue e, por último, a importância de ter sangue nos nossos hospitais.

A Comissão Nacional de Sangue, recentemente criada, por determinação da direcção superior do nosso Partido, é integrada por cerca de dez elementos representantes do Partido, da Cruz Vermelha, dos serviços sanitários e das organizações de massas tais como a Comissão Feminina do PAIGC, a JAAC e a UNTG. A Comissão é presidida pelo camarada António Borge, membro do Conselho Superior de Luta do Partido.

A introdução do encontro foi feita pelo camarada António Borge,

que fez uma longa e precisa intervenção começando por um historial do problema de carência de sangue e da atenção que este facto despertou aos nossos dirigentes, na procura de soluções que permitam uma recolha de sangue gratuita e voluntária. Esta é uma das acções que devem ser postas em prática como princípio para o cumprimento das decisões tomadas pelo III Congresso, que considera o ano de 1978 como ano de estudo, de trabalho e de acção.

Esse problema já se verificava no tempo colonial. Mas os tuga praticavam a comercialização do sangue entre os principais dadores da capital e dos soldados do seu exército e, provavelmente, solicitava aos serviços hospitalares portugueses o envio de sangue para a Guiné.

Paralelamente a isso, o PAIGC conduzia uma luta difícil nas matas da Guiné-Bissau e as necessidades de transfusões aos doentes e aos guerrilheiros feridos em combate eram aliviadas humanitariamente por hospitais de países amigos e organizações de solidariedade internacionais

S. Tomé e Príncipe

Semana Nacional da Juventude

«Nós não podemos de maneira nenhuma considerar a juventude como uma força motriz da nossa Revolução se essa juventude não estiver política e ideologicamente bem formada, se essa juventude não estiver cultural e tecnicamente formada» — acentuou o camarada Manuel Pinto da Costa, Secretário Geral do MLSTP e Presidente da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, num comício realizado no Estádio 12 de Junho por ocasião da Semana Nacional da Juventude do MLSTP, segundo notícia o «Revolução» na sua edição mais recente.

Nesse comício o Presidente Manuel Pinto da Costa falou dos principais problemas que continuam a afectar a juventude daquela país afirmando a certa altura: «É efectivamente de lamentar que depois de dois anos tenhamos que constatar que parte da nossa juventude continua apática. É bem possível que nós não tenhamos desen-

cadeado o esforço suficiente para mobilizar a juventude para mas, é bem possível também que a juventude tenha pensado que lutar pela Revolução era apenas lutar contra o colonialismo.»

Depois de ter criticado aqueles que dizem que uma organização da juventude é apenas para aqueles jovens que não têm nada para fazer, aqueles que pensam que só com o diploma é que têm a possibilidade de se realizarem, elogiou todo o esforço feito por alguns jovens que, «têm procurado fazer a Revolução não sómente lançando teorias revolucionárias, mas fundamentalmente procurando realizar na prática aquilo que aprenderam nos livros. Só assim é que poderemos forjar uma juventude nova, não divorciada dos aspectos reais do nosso povo. Uma juventude que consiga ligar os conhecimentos teóricos e práticos para melhor servir o seu povo.»

Eduardo Mondlane morreu há nove anos

Perfil de um revolucionário e dirigente africano

«O grande mérito de Eduardo Mondlane não foi a sua decisão de lutar pelo seu povo, mas sim de ter sabido integrar-se na realidade do seu país, identificar-se com o seu povo e aculturar-se pela luta que dirigiu com coragem, inteligência e determinação». Estas qualidades, atribuídas a Eduardo Mondlane, foram apontadas pelo camarada Amílcar Cabral, durante a cerimónia realizada em memória do primeiro Presidente da Frelimo na Universidade de Syracuse (Estados Unidos), em Fevereiro de 1970, um ano após o seu assassinato por agentes do imperialismo ao serviço do regime colonial e fascista português.

Eduardo Chivambo Mondlane era originário de uma família de camponeses, do distrito de Gaza, no Sul de Moçambique. Desde a sua infância esteve sempre ligado, de uma forma ou doutra, à resistência contra a dominação colonial no seu país. Até aos dez anos, passava os dias na sua aldeia a apascentar, juntamente com os seus irmãos, o gado da família, ao mesmo tempo que ia absorvendo as tradições da sua tribo e família.

Como todos os africanos, teve que lutar para poder frequentar as escolas dos coloniais. «Se fui para a escola, conta Eduardo Mondlane, devo-o à largueza da minha mãe, terceira e última mulher do meu pai e mulher de grande carácter e inteligência. Não tentou continuar a estudar, depois da escola primária, sofri todas as frustrações e dificuldades que sempre esperam qualquer criança africana que tenta entrar no sistema português».

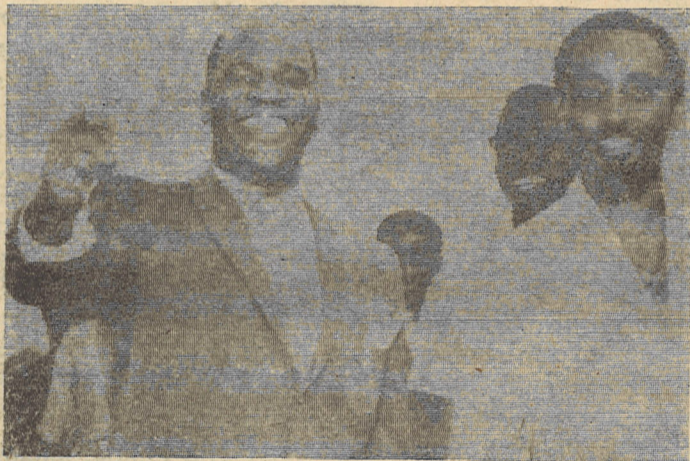
Eduardo por missionários, transferiu-se para a África do Sul, com a ajuda de alguns dos seus professores, beneficiando de uma bolsa de estudos para prosseguir a sua formação a nível universitário. Pouco tempo depois, foi expulso daquele país devido à sua participação activa na luta dos nativos pela defesa dos seus direitos.

ACTIVIDADES POLÍTICAS

Ao mesmo tempo desenvolvia as suas actividades no NESAM (Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique), formado em 1949, em Moçambique, pelos alunos das escolas secundárias e induzidos por alguns moçambicanos que frequentavam universidades

na África do Sul. Este organismo estudantil tinha um carácter puramente social e recreativo. O NESAM, por outro lado, estava ligado ao Centro Associativo dos Negros de Moçambique que, igualmente a coberto de actividades sociais e culturais, movia entre a juventude uma campanha política para espalhar a ideia da independência nacional e incitar à resistência contra a situação imposta pelo regime colonial.

Como não podia deixar de ser, a polícia fascista sempre vigiou de perto as actividades dos jovens africanos. O próprio Mondlane, na qualidade de um dos estudantes vindos da África do Sul e que fundaram o NESAM, foi preso e longamente interrogado acerca das suas actividades.



Na gravura, Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos

Contudo, o núcleo conseguiu sobreviver até aos anos sessenta e ainda lançou uma revista intitulada «Alvor» que, embora censurada, contribuiu para espalhar as ideias desenvolvidas nas reuniões e discussões do grupo.

Com a ajuda de uma fundação americana, Mondlane conseguiu uma bolsa de estudos para uma Universidade dos Estados Unidos. Entretanto, entre os amigos de Mondlane, havia missionários protestantes que lhe tinham conseguido a autorização

das autoridades portuguesas para concluir o curso em Lisboa. Foi assim que Eduardo Mondlane chegou a Lisboa no ano lectivo de 1949/50, tendo-se ingressado na Faculdade de Letras, onde igualmente participaria nas actividades desenvolvidas pelo grupo de intelectuais africanos, provenientes das ex-colónias portuguesas como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Mário de Andrade, e Vasco Cabral, entre outros.

As actividades desses jovens eram intensas e a polícia apertava cada vez mais. Mondlane, vendo os seus estudos prejudicados com a constante vigilância, tentou recuperar a bolsa que lhe tinha sido concedida nos Estados Unidos. Tendo-o conseguido, estudou Sociologia e Antropologia nas Universidades de Oberlin e do Noroeste, trabalhando depois para as Nações Unidas como investigador.

Apesar de ausente, Mondlane manteve sempre contacto com o desenrolar dos acontecimentos em Moçambique e, quer pelo que lhe foi dado ver, quer pelos contactos oca-

sionais, através das Nações Unidas, com diplomatas portugueses, cada vez se convencendo mais de que nem a pressão política normal, nem a agitação alterariam a posição portuguesa em relação à sua política colonial. Em 1961, Mondlane visitou Moçambique, durante as férias e pôde constatar, em longas viagens que as condições não haviam mudado praticamente desde a sua partida.

Terminadas as férias, deixou as Nações Unidas para se engajar na luta de

libertação. Para isso, arranhou um emprego de assistente na Universidade de Syracuse, que lhe proporcionava tempo e oportunidade para estudar a situação mais profundamente. Retomou os contactos com todos os partidos de libertação do seu país e nos dois anos seguintes, levou a cabo uma intensa campanha pela unidade, e para a formação daquilo que viria mais tarde a ser a vanguarda do povo moçambicano — a FRELIMO —, tendo como seu primeiro Presidente Eduardo Mondlane.

DIRIGENTE AFRICANO

Sob a sua direcção, o povo em armas conseguiu inúmeras e decisivas vitórias contra os colonialistas opressores. A cada dia alargavam-se as parcelas de terra conquistadas ao inimigo. As regiões libertadas tornavam-se cada vez mais fortes e com melhores estruturas. Face a esta situação, o regime fascista de Salazar não viu outra solução para o problema que o afligia e que apressava a cada dia a sua lenta agonia, senão fazer desaparecer o que considerava responsável pela sua derrota naquela frente de luta. Tal como Lumumba primeiro, e Amílcar depois, Mondlane, pagou com a vida a sua dedicação ao povo.

Assim, a 3 de Fevereiro de 1969, nos escritórios da Frente de Libertação de Moçambique, em Dar-Es-Salam (Tanzânia), Eduardo Chivambo Mondlane encontraria a morte ao abrir uma encomenda enviada por agentes da polícia fascista portuguesa e que continha uma carga explosiva. A África perdia assim uma das suas mais destacadas figuras de revolucionário. Mas, o povo moçambicano, nunca se curvou perante o duro golpe, traiçoeiramente sofrido. Pelo contrário, soube mostrar que era o povo quem lutava e que Mondlane era apenas uma parte do seu povo, um guia na sua marcha para a vitória, na conquista da sua independência e soberania nacional.

Amílcar Cabral, durante a conferência pro-



nunciada em Syracuse, em memória de Eduardo Mondlane, salientou não só as suas qualidades como dirigente e como revolucionário, mas também a sua personalidade de eminente homem de cultura. Foi deste modo que Cabral se referiu ao seu companheiro de luta:

«A vida de Eduardo é com efeito, particularmente rica da experiência. Se considerarmos o breve período durante o qual trabalhou como operário estagiário numa exploração agrícola, verificamos que o seu ciclo de vida engloba praticamente todas as categorias da sociedade africana colonial: do campesinato à «pequena burguesia» assimilada e, no plano cultural, do universo rural a uma cultura universal, aberta para o mundo, para os seus problemas, para as suas contradições e perspectivas de evolução. O importante é que, depois desse longo trajecto, Eduardo Mondlane foi capaz, de realizar o regresso à aldeia, na personalidade de um combatente pela libertação e pelo progresso do seu povo, enriquecido pelas experiências quantas vezes perturbadoras do mundo de hoje. Deu, assim um exemplo fecundo: enfrentando todas as dificuldades, fugindo às tentações, libertando-se dos compromissos de alienação cultural (e, portanto, política), soube reencontrar as suas próprias raízes, identificar-se com o seu povo e dedicar-se à causa da libertação nacional e social. Eis o que os imperialistas lhe não perdoaram».



Em Moçambique, as pri...

«Como todo o nacionalista moçambicano nasceu da experiência do seu povo. A fonte da unidade nacional comum durante os últimos 50 anos do domínio efectivo português não nasceu de uma comunidade significando unidade territorial e linguística. Em Moçambique a experiência da dominação colonial que produziu a coesão criou a base para uma coesão baseada na experiência da discriminação, do trabalho forçado e outros aspectos».

EDUARDO MONDLANE EM «LUTAR POR MOÇAMBIQUE»

O limite da comunicação, entre as comunidades, imposta pela administração colonial, dificultou o desenvolvimento de uma consciencialização única em todo o território nacional. Por outro lado, a propaganda colonial dificultou o desenvolvimento do conceito de nacionalismo, ao mesmo tempo que o tribalismo se acentuava no seio das comunidades. Em muitas áreas onde a população era diminuta e pouco densa, o contacto entre o poder colonial e o povo era tão superficial que existia pouca experiência pessoal de dominação.

No Niassa Oriental, por exemplo, havia grupos que nunca tinham visto os portugueses antes da deflagração da guerra. A maioria dos africanos só encontrava os portugueses no momento de pagar impostos, quando eram contratados para trabalho forçado ou quando lhes apreendiam as terras. Nessas áreas, a população tinha pouca noção de pertencer a uma nação ou a uma colónia e, ao princípio, foi-lhe difícil compreender a luta. Todavia, a chegada do exército português mudou rapidamente esta situação. O povo resistiu por todos os meios à dominação colonial, quer através da insurreição armada, quer do êxodo maciço.

Mas, em qualquer dos

A nossa escola de judo

Professores e monitores nacionais vão completar em breve a sua formação

O Judo, foi uma das várias modalidades desportivas que as massas populares da nossa terra nunca conheceram durante o período colonial. Entretanto, apesar das enormes dificuldades que o nosso jovem país enfrenta em todos os campos de actividades, o nosso Partido e Estado, seguindo a sua política de verdadeiros interesses do povo, começou a dar um passo no desenvolvimento progressivo da nossa terra. Assim, o Conselho Superior dos Desportos criou, em Abril de 1977, uma Escola de Judo, contratando o professor coreano Kin Yu Ging, por um período de quatro anos, para ensinar fundamentalmente esta modalidade desportiva.

A Escola, funciona actualmente na sede do Benfica e nela estão inscritos 25 alunos do sexo masculino, aos quais o órgão máximo do Desporto forneceu os fatos de Judo. O seu principal objectivo é formar professores e monitores, que futuramente, darão aulas, desenvolvendo esta modalidade em todos os cantos do nosso país. No aspecto desportivo, o Judo que se pratica naquela escola não é uma arte marcial como o «Karaté». É pelo contrário, uma forma de descansar o cérebro e o corpo através da descontração dos músculos. Em suma, é uma forma de recuperar a energia que perdemos durante os nossos afazeres.

O «NôPintcha» foi àquela escola contactar o professor adjunto João Manuel Magalhães, que pratica o Judo há 10 anos.

«Prevemos formar, dentro de um ano ou dois, professores e monitores, que irão dar continuidade à prática desta modalidade no nosso país. Pensamos também criar uma classe para as mulheres, outras para as crianças a partir dos sete anos de idade. Aliás, esta última é a esperança da nossa escola», afirmou-nos o camarada Magalhães.

COMISSÃO NACIONAL DE JUDO DESEMPENHA UM PAPEL IMPORTANTE

Para além do Conselho Superior dos Desportos, existe uma Comissão Nacional de Judo, criada pelo primeiro e que é constituída por quatro elementos praticantes daquela modalidade. Esta Comissão tem vindo a desempenhar um papel bastante importante, tanto no aspecto organizativo como na resolução dos problemas que dizem respeito à escola.

Entre eles, destaca-se em especial a falta de um tapete em condições. Este material, é importantíssimo na prática do Judo, visto que evita que os alunos sofram graves lesões. Há, por outro lado o problema de fatos de Judo que não se encontram à venda no país. Todavia, devia-se mandar fazer cá alguns, embora a sua consistência seja bastante fraca. Outro problema importante é o das instalações. A Escola já funciona em vários sítios na UDIB e na marinha. Foi há pouco tempo que passou para o Benfica, graças à oferta da direcção desta colectividade. Entretanto, dentro deste aspecto — acrescentou Magalhães o Conselho Su-

perior dos Desportos está a fazer todos os esforços para resolver todos estes problemas. Vai ser comprado um tapete novo, no valor de sessenta contos aproximadamente, que se vai juntar àquele de que dispomos actualmente. Serão adquiridos novos fatos a distribuir aos novos alunos. Acrescenta o Camarada Magalhães.

«Há em princípio 35 alunos aproximadamente. Desistiram dez e ficaram só 25.

Tiveram de facto dificuldades nas primeiras aulas, mas isso compreende-se muito bem, pois, nenhum deles estava habituado a métodos de treino, como do Judo que requerem assiduidade necessária, treinar todos os dias para se aprender melhor as técnicas. Entretanto, a sua boa vontade fez com que se conseguisse já superar estas dificuldades. É, de salientar que a idade da maior parte dos nossos alunos não ultrapassa os 17 anos. Isso dá-nos grande esperança, na medida em que podemos aproveitá-los, a curto prazo, para representarem o nosso país, nas competições africanas. No aspecto de disciplina, até ao momento, não houve entre nós professores e alunos ou entre os próprios alunos, casos que pudessem merecer sanções disciplinares. Quanto à presença, tenho a salientar que oitenta por cento dos 25 que restam tem comparecido aos treinos todos os dias, entre as sete e as nove horas da segunda a sexta-feira. Alguns deles são trabalhadores e outros, estudantes».

PENSAVA QUE ESTA MODALIDADE FOSSE UMA ARTE MARCIAL COMO O «KARATÉ»

Depois desta breve conversa com o camarada Magalhães, falámos com alguns alunos que nos deram o seu parecer sobre aquele escola. Disse Armando Handen:

«Quero primeiramente agradecer esta grande iniciativa do «Nô Pintcha», por ter vindo contactar a nossa escola, para dar a conhecer ao público que existem de facto várias modalidades desportivas que estão a ser praticadas, sendo uma delas o Judo. Se não estou em erro, esta escola nunca teve antes contacto com os nossos órgãos de informação, que podiam facilitar a mobilização de mais indivíduos para prática desta modalidade. Soube da existência desta escola, através de um colega meu, que é professor cá da escola. Um dia, convidou-me para irmos praticar o Judo. Perguntei-lhe onde é que funcionava a escola de

Judo. Disse-me que era na UDIB. Aliás isso foi quando ela ainda funcionava nas instalações daquela colectividade. Como não tinha nada a fazer resolvi ir com ele. Os treinos que os meus actuais colegas fizeram nesse dia, despertaram-me grande interesse para esta modalidade, o que me levou a adquirir o meu fato e começar a praticá-lo. Em princípio, não sabia o que era o Judo. Falavam-me dele, mas como já tinha visto muitas vezes os filmes de «Karaté», pensava que esta modalidade fosse uma arte marcial como este último. Só depois do treino a que assistí e sobretudo quando passei a dedicar-me a ele, cheguei à conclusão de que as duas modalidades eram totalmente diferentes: uma (o Karaté) tem tendência para a violência; a outra é indispensável a todos os camaradas, quer jovens quer adultos para recuperarem a energia que perdem durante o dia de trabalho».

Alvaro Barbosa F. milio Santos adianta: «É com

grande alegria que eu e os meus colegas seguimos os treinos que os camaradas professores Kin e Magalhães nos ministram, porque achamos que só assim poderemos alcançar os objectivos que o nosso Partido deseja no campo do Desporto. Embora haja o problema da falta de material, isso não nos desanima, porque estamos confiantes em que esta escola vai dar os seus frutos brevemente».

ESCOLA PODERÁ CONTAR COM MONITORES E PROFESSORES A CURTO PRAZO

João Tavares da Silva diz-nos também qual o seu ponto de vista: Desde que me inscrevi nesta escola nunca faltei a um só treino. Aliás, com a excepção dos que desistiram, penso que todos nós, temos demonstrado uma certa vontade em aprender alguma coisa com os professores Kin e Magalhães. Há dias em que terminamos os treinos depois da hora estipulada. Isso faz-me pensar que, dentro de curto prazo, a escola poderá contar com monitores e professores, o que, como se sabe, é o seu principal objectivo. Para mim, a importância desta modalidade, reside sobretudo no desenvolvimento mental e físico a todos aqueles que a praticam».

12.ª jornada do Nacional de Futebol A atenção da jornada está no encontro Bissorã-Tombali

O campeonato nacional de futebol, aproxima-se vertiginosamente do termo da primeira volta.

Destas quatro jornadas que faltam para se concluir a primeira volta a equipa encarnada tem possibilidade de se manter no topo da tabela classificativa.

Nesta jornada, a 12.ª que começa hoje e termina amanhã, temos os seguintes jogos: na capital, disputam-se no sábado, os encontros Sporting-Bula, pelas 17h., e, à noite pelas 21h., o Benfica-Bolama. No domingo, à tarde defrontam-se a Udib e o Ténis Club.

No interior do país, temos os encontros Buba-Farp, em Tite; Cantchun-go-Balantas, em Cantchun-go; Bafatá-Ajuda, em Bafatá; Bissorã-Tombali, em Bissorã; e Farim-Gabú, na capital de Oio. Todos os jogos têm início às 16h e 30 minutos.

CASTIGOS FEDERATIVOS

Os atletas Fona Yala, do Ajuda, Justino Dias Tavares de Cantchun-go, Boaventura Arlete, de Bissorã, e Nuno Tristão Ribeiro da Cunha, de Bolama, foram punidos com um jogo de

suspensão cada, por prática de jogo perigoso. Também foram punidos com pena de repreensão registada os jogadores José Mariano Mário Fernandes, de Bolama, João Henrique Correia, do Gabú, e Agostinho Indafá, também do Gabú.

Realiza-se no dia 6, pelas 21h, no «Estádio Lino Correia» em Bissau, o jogo em atraso, entre as equipas das Farp e do Bolama, a contar para a 2.ª jornada do campeonato de futebol.

Nô Pintcha

Trissemanário do Comissariado de Informação e Turismo — Sai às terças, quintas e sábados. Serviço Informação das Agências; AFP, APS, TASS, ANOP, Prensa Latina, APN e Nova China. Redacção, Administração e Oficinas. Avenida do Brasil. Telef: — Redacção 3713/3728. — Administração e Publicidade — 3726.

Assinatura (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.
Seis meses 450,00 P.G.

Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:

Um ano 800,00 P.G.
Seis meses 550,00 P.G.

— Caixa Postal, 154.

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

Farmácias

HOJE — Moderna, Rua 12 de Setembro, telefone, 2702

AMANHÃ — Central, Rua Vitorino Costa, telefone, 2453.

SEGUNDA-FEIRA — Central Farmedi n.º 1 Rua Guerra Mendes telefone 2460/67

Cinema

Filmes a anunciar.

Telefones

Hospital «Simão Mendes» — 2888/2867.

Bombeiros Voluntários — 2222.

POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.

CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto/4 — TAP 3991/3 — TAGB 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.

Chegadas e partidas de navios — 2922/5.

COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS

Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411;

Brigada da Assistência aos Consumidores — Telefone 2414 (7 à 1h).

Portugal

"Salvar a democracia
pondo o socialismo
entre parenteses"

-- Programa do governo Soares

LISBOA — «Vencer a crise económico-financeira pela austeridade, salvar a democracia pondo o socialismo entre parenteses» tal foi o tema central do discurso pronunciado na quinta-feira à tarde por Mário Soares, diante da Assembleia da República para apresentar o programa do seu segundo governo, PS/CDS.

O Primeiro-Ministro português citou apenas os cabeçalhos de capítulo deste volumoso programa (30 páginas) e fez um longo discurso político, num tom por vezes violento.

Soares justificou a aliança entre o Partido Socialista e o Centro Democrata-Social em nome de «imperativos nacionais e patrióticos». Rendeu por outro lado «homenagem ao CDS pela abertura manifestado por este par-

tido a fim de salvar a democracia e a Constituição que não votou».

O Primeiro-Ministro afirmou que «não se trata agora de construir o socialismo e só os utópicos podem pensar que, dadas a relação de forças internas e a conjuntura internacional, é possível avançar para o socialismo democrático».

«Trata-se de reconstruir a economia para manter e salvar a democracia». Para vencer a crise, Soares sublinhou a necessidade de uma política de austeridade «cujos custos sociais serão muito elevados» e de um acordo com o Fundo Monetário Internacional.

CONFLITOS
SOCIAIS

O novo governo Soares deve fazer face a impor-

tantes conflitos sociais. Com efeito, 30 mil professores da região de Lisboa e da metade sul de Portugal iniciaram anteontem de manhã uma greve de 24 horas a seguir a um apelo do seu sindicato. Os professores protestaram contra a política do ministro de Educação, que consideram anti-democrática.

Os ferroviários deviam também entrar em greve na quinta-feira, durante quatro horas, em todo o país a fim de apoiar as suas reivindicações salariais. Finalmente, a central sindical única (CGTP-Intersindical) anunciou na quarta-feira a sua intenção de lançar uma ofensiva contra a limitação autoritária dos salários para 1978. — (F.P.)

Yémen do Sul
reconheceu a RASD

A República Popular Democrática do Yémen reconheceu a República Árabe Saharaoui Democrática (RASD), anunciou na quinta-feira em Argel a Frente Polisário. O Yémen do Sul é o segundo país árabe, depois da Argélia e o 12.º no mundo a reconhecer oficialmente a República Saharaoui.

Este novo reconhecimento seguiu-se as conversações realizadas em Aden, de 30 de Janeiro a 1 de Fevereiro, entre Mohamed Lamine, presidente do Conselho de Ministros da RASD, Salem Robaya Ali, presidente do Conselho Presidencial sul-yemenita e Ali Nasser Mohamed, presidente do Conselho. O comunicado da F. Polisário sublinhou que esse reconhecimento resulta da convicção inabalável do Yémen a respeito do direito dos povos a auto-determinação.

Por outro lado, no quadro da luta que o povo saharoui trava

contra os invasores, a F. Polisário anunciou na quarta-feira que os seus combatentes atacaram várias posições e postos avançados do exército marroquino no território saharoui. Durante estas operações os marroquinos sofreram 24 mortos e 40 feridos. Os combatentes da F. Polisário reduziram totalmente dois postos avançados em Jdira e ocuparam uma forte posição dos marroquinos em Smara, em 27 e 28 de Janeiro.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da RASD, Ibrahim Hakim, declarou que as deserções multiplicaram-se no interior das forças marroquinas e muritanianas estacionadas no Sahara Ocidental. Hakim sublinhou que este fenómeno intensificou-se consideravelmente em Outubro último, data em que segundo ele, o exército mauritaniano foi dizimado e as forças marroquinas reduzidas a defensiva. (F.P.)

Tunísia: congresso
extraordinário da UGTT

TUNIS — A situação permanece tensa na capital tunisina, desde os acontecimentos da semana passada, com a manutenção do recolher obrigatório e mais de mil pessoas presas. Dos sangrentos reconstrutos de 26 de Janeiro o balanço oficial estabelece em 46 o número de mortos e em 325 o dos feridos.

Entretanto, a União Geral dos Trabalhadores Tunisinos (UGTT) deverá convocar um congresso extraordinário para 25 de Fevereiro, tendo já o Bureau Executivo convidado a comissão administrativa da central a reunir-se hoje com vista a preparar a realização do próximo congresso. Notícias indicam ainda que o Bureau Executivo decidiu suspender Habib Achour, secretário geral, das suas funções à cabeça da central

sindical.

A decisão de substituir Habib Achour foi tomada na quinta-feira pelo Comité Executivo que designou Tjani Abid para as funções de Secretário Geral interino até à realização do congresso extraordinário da UGTT. Abid era secretário geral adjunto da Central Sindical tunisina e tinha-se demitido das suas funções na semana passada.

Entretanto, a Federação Sindical Mundial (FSM) decidiu uma acção comum a todos os níveis para protestar contra a «repressão e a arbitrariedade» na Tunísia, enquanto que União dos Sindicatos da Líbia e a União Geral dos Trabalhadores sírios, exigiram às autoridades tunisinas, a libertação de Habib Achour e dos sindicalistas detidos. (FP)

Conversações URSS-Yémen

MOSCOVO — Leonid Brejnev, secretário geral do PCUS e chefe de Estado soviético, recebeu ontem no Kremlin, Ali Nasser Mohamed, Primeiro-Ministro sul-yemenita, com o qual evocou nomeadamente a situação no corno de África e no Próximo Oriente, anunciou a agência Tass.

As conversações entre Brejnev e Ali Nasser Moahmed, incidiram particular-

mente sobre a situação no Próximo Oriente «onde a conjuntura se complicou após as entrevistas separadas entre o Egipto e Israel», declara a agência Tass.

A URSS e o Yemen do Sul concordaram em constatar que estas negociações são «prejudiciais» à luta dos povos árabes, acrescenta o comunicado da agência soviética. (F.P.)

Chile:
os prisioneiros
secretos da junta

Encerrou-se anteontem em Argel a quinta sessão da Comissão Internacional para a investigação dos crimes da junta militar do Chile. A atenção dos participantes centrou-se nas prisões secretas de patriotas chilenos e na actividade terrorista da polícia secreta de Pinochet (DINA).

Um após outro subiam a tribuna da sessão testemunhas chilenos, observadores internacionais e peritos competentes. «O sistema de prisões secretas transformou-se na arma mais requintada do terror político no Chile — declarou o advogado argelino A. Bentumi, principal orador deste tema. Para prestar o seu depoimento, ele convidou J. Becerra, M. Garcia, V. Jurich e outros patriotas chilenos.

Factos de grosseira violação pela junta dos direitos fundamentais dos trabalhadores e seus sindicatos foram examinados nas intervenções de M. Navarro, presidente do Centro sindical único dos trabalhadores do Chile, de A. Keatson, membro do comité executivo nacional do Partido Trabalhista da Inglaterra e dirigente do sindicato dos operários dos Transportes e trabalhadores sem qualificação, de S.A. Shalaev, secretário do conselho central dos sindicatos da URSS.

Na última sessão da Assembleia Geral da ONU foi aprovada uma resolução que condenou mais uma vez o sanguinário regime fascista. Nesta sessão foi desmascarada por completo a farsa com o referendo inventado por Pinochet como uma resposta a essa resolução. G. Stubi, secretário-geral da Associação internacional dos Juristas Democratas, e V. Bogaart, secretário do Partido do Trabalho da Holanda, que acabam de regressar do Chile, prestaram um depoimento irrefutável de que o «referendo» só serviu para falsificar a vontade do povo chileno.

A sessão reunida em Argel aprovou um documento conclusivo que contém um apelo à opinião pública internacional para que intensifique a solidariedade com o povo chileno e active a luta para que seja restabelecida a democracia no Chile. (APN)

Recrutamento
de mercenários
das Canárias
para Africa

LAS PALMAS — Um gabinete para contratar mercenários europeus com destino à Africa foi instalada em Las Palmas, nas Canárias, afirmou na quarta-feira a Associação dos Amigos de Sahara.

Segundo um porta-voz desta associação, a rede de recrutamento teria sido descoberta após um erro de quatro mercenários, dois checoslovacos, um alemão e um francês que, enganando-se no endereço, se apresentaram no Bureau dos Amigos do Sahara em Las Palmas, a pedir para participarem no conflito do Sahara.

Segundo a associação, os mercenários receberiam um prémio de 6.500 dólares logo de início, devendo em troca responder a certos critérios de preparação militar.

Outros gabinetes de recrutamento existem também em Madrid, Paris e Beirute. Os mercenários seriam depois expedidos para a Africa do Sul, Rodésia, Tchad e provavelmente para a Mauritânia. A Associação dos Amigos do Sahara precisa igualmente que existiria em Las Palmas um gabinete especializado no tráfico de armas com destino a países africanos, mas ela não fornece nenhum detalhe sobre este tráfico cuja origem seria em Bruxelas. (F.P.)

SWAPO REUNIDA
EM LUSAKA

LUSAKA — Os membros do Comité Central da SWAPO e as personalidades que dirigem o executivo deste movimento terminam hoje uma reunião de três dias à porta-fechada em Lusaka.

O secretário da Informação da SWAPO, Peter Katjavivi, precisou que o presidente da Organização, Sam Nujoma, falou neste encontro. Katjavivi acrescentou que o encontro era uma reunião de rotina onde «nos consultamos uns aos outros sobre questões administrativas». No que respeita a alegações segundo as quais haveria cisões no interior da SWAPO, Katjavivi afirmou que eram «sem fundamento». A SWAPO, acrescentou ele, «está mais unida do que nunca». (F.P.)

SENEGAL PORTUGAL
DESENVOLVIMENTO DO INTER-
CÁMBIO

DAKAR — Duas sociedades comerciais que contribuirão para o aprofundamento das trocas entre Portugal e o Senegal, serão criadas daqui a dois meses. Esta decisão está contida num protocolo publicado no final da estada de uma delegação de negociantes portugueses no Senegal, onde tiveram contactos com os seus homólogos senegaleses.

Estas duas sociedades mistas serão instaladas respectivamente em Dakar e em Lisboa e terão cada uma um capital de cinco milhões de francos CFA delegação económica portuguesa determinou também os produtos senegaleses susceptíveis de lhe interessar. Crê-se saber de fontes ligados aos comerciantes senegaleses que os portugueses estariam interessados em produtos de pesca, óleo de mancarra e fósforos. (F.P.)

TENG HSIAO-PING
EM KATMANDOU

KATMANDOU — Teng Hsiao Ping chegou ontem ao Nepal, onde permanecerá até segunda-feira, para a sua segunda visita oficial ao estrangeiro desde a sua reabilitação. Teng visitara a Birmânia de 26 a 31 de Janeiro último.

Ele foi acolhido pelo Primeiro-ministro do Nepal, Kirti Nidhi Bista e, após ter recebido as coroas de flores de cinco jovens, segundo a tradição nepalesa, escutou os hinos nacionais, de uma pequena tribuna. (F.P.)

Delegação checa entrega uma oferta da USJ à JAAC

A delegação da República Socialista da Checoslováquia, chefiada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, que desde segunda-feira visitou o nosso país, fez antontem na sede da JAAC, a entrega de uma oferta União Socialista da Juventude da Checoslováquia (USJ) para a Juventude Africana Amílcar Cabral.

A oferta, recebida pelo camarada Chico Bá, membro do CEL e Responsável Nacional da JAAC, incluía 200 fardas para pioneiros. Na ocasião, o dirigente checo, Milos Volta salientou que o donativo se enquadra na amizade existentes entre as duas organizações juvenis e com vista à consolidação das relações fraternais entre a JAAC e a USJ. O mesmo ponto foi igualmente salientado pelo camarada Chico Bá, que falava ainda das novas perspectivas que se abrem ao fortalecimento das mesmas relações.

Tanto a JAAC, por intermédio do Chico Bá, como

o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros checoslovaco, na qualidade de representante do presidente da USJ, Miroslav Hussak, frizariam ainda que 1978 seria um ano de grande vitórias para a juventude progressista de todo o mundo, principalmente pelo facto de se realizar este ano em Havana, (Cuba), o décimo-primeiro Festival da Juventude e dos Estudantes, marco importante no quadro da união da Juventude progressista.

A delegação governamental checa, que visitou o nosso país, a convite do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros, foi recebida pelo camarada Luiz Cabral, presidente do Conselho de Estado.

Milos Volta, visitaria por outro lado, a Ilha de Bubaque, onde pôde apreciar o desenvolver do plano turístico em curso naquele local, bem como as instalações da Radiodifusão Nacional em Bissau.

Ontem de manhã, a delegação governamental che-

ca, deixou Bissau de regresso a Praga, tendo recebido os cumprimentos de despedida do camarada Alexandre Nunes Correia, Secretário Geral dos Negócios Estrangeiros.

Comissões Regionais dos Combatentes da Liberdade

Com o fim de formar as comissões Regionais dos Combatentes da Liberdade da Pátria, deslocou-se a Bolama uma delegação daquele departamento, chefiada pelo seu comissário, camarada Paulo Correia. A delegação visitou, por outro lado, o campo experimental de Gã-Murica.

Donativo da RDA

(Continuação da página 1)

cebemos da RDA — acrescentou o Secretário da Organização do Partido — tenha sido, até hoje, a compreensão que o seu Partido e o seu povo têm mostrado em relação aos nossos problemas e às nossas realidades, o que tem permitido que as relações entre os nossos dois países se desenvolvam constantemente, no interesse do nosso povo»

O representante do nosso Partido e da Guiné-Bissau fez lembrar que a ajuda então efectuada se incluía nas ajudas já programadas durante a visita do Presidente Luiz Cabral à RDA, a convite do seu homólogo, Erich Honecker.

Preço do gasóleo

(Continuação da pag. 1)

que o responsável por aquele serviço, passe a vida a andar na casa de um só consumidor.

Sabe-se por outro lado que a bomba eléctrica que faz a distribuição da água para várias residências da capital trabalha a gasóleo, e que, como citámos atrás este subiu, de preço. Daí a razão porque a CEABIS resolveu subir o preço do único escalão deste sector. Assim, os três pesos e meio que eram pagos por este escalão, passaram para cinco pesos.

AVENÇA DE ÁGUA CONSUMIDA

A maior parte das residências não tem contadores de água, mas sim ligação directa. Um grande número deles ou encontram-se avariados e o mercado interno não os tem à venda. Por isso a CEABIS resolveu estipular um preço único de 120 pesos para os consumidores de água, salvo os postos de lavagens de viaturas, hotéis e grandes empresas. Recorda-se que, antigamente, a avença era paga por compartimentos. Ora, chegou-se à conclusão de que não é pelo número de compartimentos que se deve estipular o preço de água consumida, mas sim pela quantidade gasta.

Segundo o camarada Barreto, os preços para os hotéis, postos de lavagens de viaturas e grandes empresas, serão fixados oportunamente.

ULTIMAS NOTÍCIAS

SITUAÇÃO NO SUL DO LÍBANO

BEIRUTE — O encerramento de todas as delegações da Resistência palestina em Saida, a cerca de 30 quilómetros de Beirute, prosseguiu ontem sob a supervisão de uma comissão formada por palestinos e libaneses do «Movimento Nacional».

Esta medida, que deve estender-se igualmente a outras povoações do sul libanês nomeadamente Tiro e Nabatieh, foi tomada por comum acordo pelos palestinos e os seus progressistas libaneses após incidentes armados que se registaram na passada sexta-feira na velha cidade de Saida. Após estes incidentes, os habitantes de Saida, principal cidade no sul do Líbano e terceira em importância no país decretaram uma greve geral e exigiram ao Estado que retomasse a sua autoridade em Saida (FP)

ACORDO CEE-CHINA

BRUXELAS — A Comunidade Económica Europeia e a China, assinaram ontem em Bruxelas, um acordo comercial não referencial com uma duração de cinco anos. É o primeiro acordo deste género entre a China e a CEE concluído entre a comunidade europeia e um grande país socialista.

Este acordo deverá permitir um aumento das trocas comerciais entre a China e a CEE, que continuam modestas com um volume anual de dois bilhões de dólares. A Europa dos «nove» ofereceu pela primeira vez a um país com comércio de Estado, a cláusula de nação mais favorecida o que permitirá à China ser tratada da mesma maneira pela CEE que os Estados Unidos e o Japão. (F.P.)

CONGRESSO SOBRE O REINO MANDINGA

DAKAR — As «tradições orais» do Gabú, reino Mandinga que se estendeu sobre partes de território de vários Estados africanos actuais, serão o tema do primeiro «Congresso Mandinga» previsto para Dezembro de 1978 em Dakar. A Organização deste encontro foi anunciado por Amadou Cissé Dia, presidente da Assembleia Nacional do Senegal e presidente do conselho da administração da «Formação Leopold Sedar Senghor», sob a égide da qual se realizará este colóquio. (F.P.)

Angola: há 17 anos o povo levantou-se em armas

(Continuação da 1.ª página)

O colonialismo que oprimia o povo angolano e lhe impunha o trabalho forçado, a fome, a doença e a morte, é um sistema baseado na exploração do homem pelo homem que tem por fim o enriquecimento de uns poucos à custa do trabalho e da fome da maioria.

É a existência das forças reaccionárias de opressão, e exploração que obriga o povo oprimido a utilizar a violência revolucionária para as derrotar e criar uma sociedade e um homem novo.

Assim no dia 4 de Fevereiro de 1961, o povo angolano com os militantes do MPLA à frente, munidos dos seus objectos de trabalho e de armas apreendidas ao exército e à polícia colonialista, lança-se heroicamente ao assalto das prisões de Luanda para libertar os seus filhos.

Mas o significado deste dia, que toca bem fundo no coração de todo o povo angolano tem, para além disso, uma grande importância, pois marca um início da fase da luta de libertação nacional das antigas colónias portuguesas que conduzirá inevita-

velmente à independência completa.

Também para a Humanidade começa a desenharse neste dia mais uma vitória da luta contra a exploração do Homem pelo homem.

Para os outros povos oprimidos do Mundo ele foi um exemplo e veio portanto reforçar e encorajar a sua luta. Para todos os exploradores, que pensavam que a sua força opressora e repressiva, o seu exército a sua polícia, os seus tribunais, etc, eram forças que impediam completamente o povo de se defender, o 4 de Fevereiro de 1961 mostrou que estas correntes de ferro se derretiam ao calor da força invencível que cresce no peito do Povo: a vontade de ser livre e soberano, de acabar com a injustiça, de acabar com a exploração.

EXPOSIÇÃO NA CASA DA CULTURA

Para assinalar esta importante data, a Casa da Cultura em Bissau, inaugura hoje pelas 18 horas e 30 minutos, uma exposição fotográfica sobre o 17.º aniversário da luta armada de libertação em Angola.

A luta do povo moçambicano

(Continuação das Centrais)

O fracasso das greves e a brutal repressão que se lhes seguiu em todos os casos, desanimaram temporariamente tanto as massas como os comandos de considerarem a acção da greve como uma arma política eficaz no contexto do seu país. Põem-se aqui o problema da unidade dos esforços para enfrentar o inimigo, pois, tanto a agitação dos intelectuais como as greves da força do trabalho urbano estavam condenados ao fracasso, porque se tratava apenas da acção de um pequeno grupo isolado.

Um outro acontecimento, também ligado às cooperativas, foi o aumento da agitação espontânea, que culminou numa grande manifestação em Mueda, em 1960. Esta manifes-

tação, embora passasse despercebida no resto do mundo, actuou como catalisador sobre a região. Mais de 500 pessoas foram abatidas pelos colonialistas portugueses e muitos daqueles que, até então, não tinham encarado a sério o uso da violência denunciavam agora a resistência pacífica como fútil.

TENTATIVAS DE UNIDADE

As primeiras tentativas de criar um movimento nacionalista radical, ao nível de todo o país, foram feitas por moçambicanos residentes nos países vizinhos, onde se encontravam ao abrigo da alçada imediata da PIDE. Ao princípio, o velho problema de má comunicação levou à criação de três movimentos separados: UDEMAMO

(União Democrática Nacional de Moçambique), formada em Salisbúria, em 1960; MANU (Mozambique African National Union), constituído em 1961 a partir de vários grupos pequenos já existentes de moçambicanos que trabalhavam no Tanganica e no Quênia, sendo um dos maiores a União Maconde de Moçambique; UNAMI (União Africana de Moçambique Independente), iniciado por exilados da região de Tete e residentes no Malawi.

O acesso de muitas antigas colónias à independência, no fim dos anos 50 e no princípio de 60, favoreceu a formação de movimentos no exílio e, para Moçambique, a independência do Tanganica (Tanzânia), em 1961, pareceu abrir novos caminhos. Os três movimentos ti-

nam pouco tempo depois, centros dispersos em Dares-Salam. Em 61, também uma intensificação da repressão em todos os territórios portugueses na sequência da revolta em Angola, provocou a afluência de refugiados aos países vizinhos, especialmente à actual Tanzânia.

Estes exilados do interior, muitos dos quais não pertenciam ainda a qualquer das organizações existentes, exerceram forte pressão no sentido da formação de um só corpo unido. Houve, por outro lado, condições externas que também favoreceram a unidade: a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), reunida em Casablanca, em 1961, e na qual tomou parte a UDEMAMO, foi uma forte chamada à união dos mo-

vimentos nacionalistas contra o colonialismo português.

Uma conferência de todos os movimentos nacionalistas, convocada pelo presidente do Ghana, Kwame N'Krumah, também estimulou a formação de frentes unidas. E no Tanganica, o Presidente Julius Nyerere exerceu influência pessoal sobre os movimentos formados no território para que se unissem. Assim, em 25 de Junho de 1962, os três movimentos existentes em Dares-Salam juntaram-se para formarem a Frente de Libertação de Moçambique e fizeram-se preparativos para a realização de uma conferência no mês de Setembro seguinte, em que se definiriam os fins da Frente e se elaboraria um programa de acção.